

de seus riscos — e é sempre bom lembrar os riscos de uma obra de pensamento — é que Blanchot situa sua reflexão ao nível ontológico, mostrando

total desprezo pela circunstância histórica. Orfeu antes de Homero significa um pouco a substituição da história pelo mito.

CRÔNICA DE UMA UTOPIA: LEITURA E LITERATURA INFANTIL EM TRÂNSITO*

Maria Helena Martins

O gênero literatura infantil é marcado por seus contornos difusos e pelo descontínuo da qualidade estética das obras, sinalizando sua precariedade. Mas o seu elemento identificador, e também complicador, talvez esteja mais no fato de esse tipo de literatura ter seu processo de elaboração atrelado a um destinatário específico do que em suas características intrínsecas. Trata-se, então, de uma literatura construída por uma espécie de introjção do que seria a leitura de seu leitor virtual. A destinação a identifica também como manifestação datada: pelo aspecto temático-ideológico, pela linguagem, pelo ponto de

vista narrativo, pelas personagens, por tudo, enfim, orientado para o (senão pelo) leitor a quem se dirige.

Que leitor é esse, afinal, tão almejado por escritores e editores? Falamos, escrevemos *para, sobre* ele. Ouvindo-o, observando seus silêncios encontraremos respostas que satisfaçam as nossas expectativas? Onde, as dele?

O processo de investigação de *Crônica de uma utopia* se desenvolve tendo tais considerações como horizonte. O objeto de estudo se configura a partir de experiências realizadas com uma *Salinha de Leitura* para crianças, do e no confronto das obras e sua re-

* Tese de Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH/USP, defendida a 27/5/88, orientada por Ligia Chiappini Moraes Leite.

cepção, livros preferidos e rejeitados pelos leitores, no período de novembro de 79 a setembro de 81, em Porto Alegre. É feita a contextualização e descrição da experiência, analisando-se e relativizando-se leituras e releituras dos livros e dos leitores. Entre as obras preferidas, são estudadas *Ida e volta*, de Juarez Machado; *A curiosidade premiada*, de Fernanda Lopes de Almeida; *De onde vêm os bebês*, de Andrew Andry e Steve Schepp; *A arca de Noé*, de Vinicius de Moraes. Das rejeitadas, é estudada *Eu vi minha mãe nascer*, de Luiz Fernando Emediato.

Examina-se, nos livros, o diálogo da linguagem verbal com a visual, suas intersecções temático-ideológicas, enquanto se verificam as leituras realizadas pelas crianças, contraponteadas pela leitura de alguns (autores e críticos). Sempre buscando apontar limites, ambigüidades e transitoriedade dessa literatura, do leitor a quem se destina e do adulto mediador da leitura.

Das tantas observações feitas no decorrer da experiência e sua análise, configura-se, reiteradamente, a impossibilidade de uma visão homogênea, diante da prevalência de antinomias nas respostas dos lei-

tores. Das constantes, talvez a maior e desencadeadora das demais seja a da disposição desses leitores de manterem o princípio do prazer o mais possível, o que os leva a afastarem-se de qualquer escolha que indicie frustração, exija maior empenho, disciplina. Suas preferências e rejeições estão relacionadas com dificuldades de aceitação de vicissitudes e compromissos, como, por exemplo, os que a escola coloca. Daí também as contradições entre esta e a Salinha: na sala de aula, geralmente, o aluno tem pouco espaço de escolha de leitura, para a manifestação lúdica, informal, criativa, é instruído para a reprodução da informação; fora dela, na Salinha, de pouco serve a liberdade para ler e criar, se lhe falta orientação técnico-metodológica. Tanto num quanto noutro espaço emergem, então, carências de (con)vivência estética.

Para aqueles leitores. porém, isso é tão frustrante quanto passageiro. Para eles como para muitos outros, parece. Prevalece a "ilusão lúdica de liberdade", levando o observador atento a acolher as passagens de uma reação a outra, se quiser compreender um pouco de suas leituras.

Assim, a pesquisa, a prática, a investigação teórica, aos poucos, se revelam *em situação*, o que não significa um trabalho imediatista, mas necessariamente circunscrito no tempo e no espaço; e *em processo*, numa dinâmica nem sempre apreendida logicamente, apesar de acabar apontando um fio condutor que permite construir uma rede de idéias e hipóteses.

Assinala-se também o quanto a instância literária, a que se atrela à destinação *infantil*, continua irresolvida. E parece que assim permanecerá. Pelo menos enquanto os textos não tenham tratamento estético e não se considerem as contradições contextuais e das respostas dos leitores.

O desafio aos escritores do gênero, desse modo, não estaria tanto em encontrar uma maneira de preencher as expectativas dos leitores, mas de compatibilizar sua aspiração à permanência, como criadores, e sua dependência da *volubidade* do destinatário. Isso, simultaneamente, pode significar a desestabilização, o vazio de modelos, a quase inutilidade da *caça* ao leitor e, no limite, a liberdade para criar. Nada mais desafiante para os autores. O que também implica perceber e reconhecer que os leitores-crianças não são assim tão diferentes dos adultos, embora sua sintonia seja outra, em função de uma emocionalidade mais intensa e espontânea; de um registro de vida, ao mesmo tempo, absoluto e fugaz.